

Propensão e Potencial Empreendedor em Estudantes de Farmácia

Paulo da Cruz Freire dos SANTOS (UFAL)

Josiane MINUZZI (UFSC)

Nicholas Joseph Tavares da CRUZ (UFAL)

Resumo: O objetivo da pesquisa foi investigar o potencial e a propensão empreendedora em alunos de farmácia. A literatura sobre o assunto mostra que ainda não se conhece muito sobre a propensão a empreender dos farmacêuticos, bem como seu potencial empreendedor. Para se diminuir essa lacuna pesquisou-se um grupo de alunos do curso de farmácia. Foram selecionados 28 estudantes cursando uma disciplina de empreendedorismo e solicitou-se que respondessem um questionário com questões ligadas a intenção de empreender e potencial empreendedor. Os resultados mostram: que esses alunos possuem forte potencial empreendedor; que em relação a essa característica não existem diferenças de gênero; que sua intenção de empreender não decorre de ter pai empreendedor; e que existe maior influência para eles empreenderem por parte dos pais que são empreendedores, quando comparados com pais não empreendedores.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Intenções empreendedoras; Estudantes de farmácia.

1. INTRODUÇÃO

Um assunto que tem ganhado destaque, na discussão sobre o crescimento da economia, é a contribuição do empreendedorismo como uma alternativa de desenvolvimento sustentável. Observa-se que comportamento empreendedor é algo que tem-se tornado cada vez mais comum (HEINONEN; POIKKIJOKI, 2006). Talvez por conta disso o incentivo ao empreendedorismo tem-se ampliado em várias instituições que entendem a importância da disseminação da cultura empreendedora para o desenvolvimento de um país, e neste contexto estão as universidades.

O papel de identificar potencial para empreender e seu posterior incentivo é visto como uma oportunidade, ainda na universidade, através de ações que estimulam o desenvolvimento desse potencial, visando futuras criações de empreendimentos que possam gerar empregos, renda e desenvolvimento econômico.

É na universidade que se dará o processo de aprendizagem que poderá levar o estudante a tornar-se empreendedor (BENAVIDES ESPINOSA; SÁNCHEZ GARCÍA; LUNA AROCÁS, 2004).

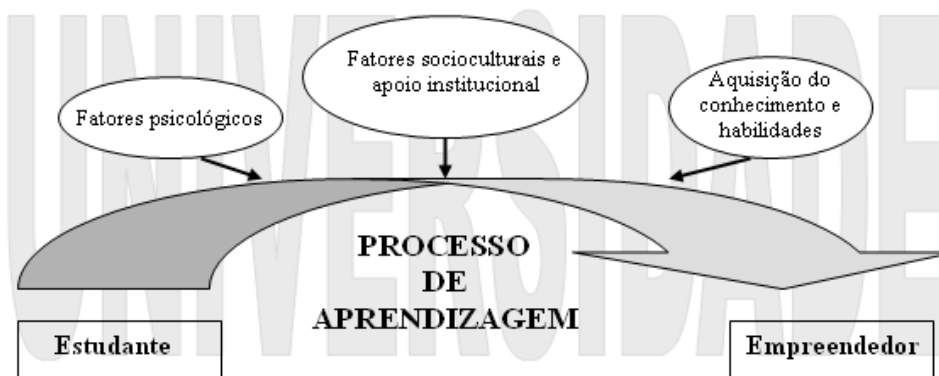


FIGURA 1 – O estudante e o processo de aprendizagem empreendedora
Fonte: BENAVIDES ESPINOSA; SÁNCHEZ GARCÍA; LUNA AROCÁS, 2004, p. 37.

Segundo Audet (2002) podem ser encontrados vários paradigmas quando se busca dentro do campo do empreendedorismo uma forma de se explicar como ocorre o fenômeno de criação de um novo negócio. Na sua opinião:

[...] a escolha de abordagem pedagógica por um professor para aumentar o nível de interesse empreendedor em seus alunos é uma função da sua forma de ver os fatores que levam ao início de um novo negócio. Por exemplo, pode-se esperar que alguns professores ao pender para a abordagem das características tentem desenvolver nos seus alunos características de personalidade como a necessidade de realização, autoconfiança ou criatividade. Outros que acreditam que as intenções empresariais são as melhores preditoras de um futuro negócio se esforçarão para desenvolver essas intenções (AUDET, 2002, p. 1).

Pesquisa de Bau *et al.* (2005) com estudantes alemães identificou que eles, quando cursam uma disciplina de empreendedorismo, preferem as explicações e seminários que ofereçam conhecimento operacionais enfocando principalmente habilidades práticas e sociais.

Na visão de Praag; Cramer (2001) pode-se analisar o interesse que uma pessoa possa vir a ter em investir numa carreira empreendedora de acordo com a formação escolhida. Eles

entendem que um alto nível educacional amplia as possibilidades de sucesso de um possível empreendedor. Para os autores a influência recebida também contribui para despertar o talento para negócios.

Neste contexto, pergunta-se, qual a importância de despertar em alunos de farmácia o talento para empreender? Eles apresentam desejo de empreender? Entenda-se que o desejo de empreender é uma vontade de iniciar um negócio, mas que no momento é apenas um plano a ser implementado no futuro (DAVIDSSON, 1995).

A importância está em se oferecer ao estudante novas possibilidades de atuar em sua profissão. Quanto ao desejo de empreender, ele pode ainda não ter despertado devido a não ter sido submetido a um ambiente empreendedor, ou vir de uma cultura familiar onde esse tipo de carreira não é valorizado.

Vale aqui salientar que esse despertar para o empreendedorismo, feito na universidade, deve focar com vigor não só o despertar para as (des)vantagens do empreendedorismo como também criar e desenvolver o desejo de empreender. Se o curso é mal conduzido pode ocorrer uma situação descrita por Boissin e Emin (2007) que é aquela onde a capacidade empreendedora dos alunos aumenta, em função dos conhecimentos adquiridos, mas, por outro lado, a atração pela abertura de um novo negócio não evolui. Nesse caso, os conhecimentos adquiridos, ao mostrar também as dificuldades (alguns vezes sem acompanhar explicações de como superá-las) levam ao desestímulo pela atividade empreendedora.

1.1. Os estudantes do curso de farmácia na Universidade Federal de Alagoas (Ufal) possuem características empreendedoras?

Um estudo de Capstick e Beresford (2007), escudado em pesquisa bibliográfica de vários autores, mostra que existem fatores intrínsecos e extrínsecos que levam um jovem a escolher a carreira de farmacêutico. Eles citam como intrínsecos o desejo de ajudar outras pessoas e a condição que a carreira possui de estar ligada a uma ciência baseada na natureza. Como fatores extrínsecos são citados o *status* e a possibilidade de possuir uma farmácia, trabalhando por conta própria (CAPSTICK; BERESFORD, 2007).

Em outro estudo, Capstick, Green e Beresford (2007) citam intenções altruísticas e a possibilidade de seguir uma carreira empreendedora. Uma das observações do primeiro estudo desses pesquisadores, conduzido com estudantes de farmácia da Universidade de Otago, na Nova Zelândia, é que as intenções de empreender mantem-se altas entre os estudantes durante o seu curso, destacando-se aí os do gênero masculino (CAPSTICK; BERESFORD, 2007).

Como em outras universidades que passaram a inserir uma disciplina de empreendedorismo em sua grade curricular, a Ufal também assim procedeu. Na disciplina, que tem a duração de um semestre são abordados tópicos relacionados ao empreendedorismo e a gestão de pequenos negócios, com direcionamento para pequenas farmácias. Os estudantes após receberem noções de organização, marketing e finanças são desafiados a elaborar um plano de negócios.

A exemplo de colegas de cursos semelhantes, existentes em todo o mundo, existem fatores intrínsecos e extrínsecos que levam esses estudantes da Ufal a escolher a carreira de farmacêutico. Uma indagação é se eles possuem também características empreendedoras. Outra indagação é se possuem intenção de empreender.

A pesquisa relatada neste artigo buscou identificar em que grau encontra-se a intenção e o potencial empreendedor de estudantes de farmácia na Universidade Federal de Alagoas que estão a frequentar um curso de empreendedorismo e gestão de pequenos negócios.

1.2 Objetivo

O objetivo da pesquisa foi identificar a intenção de empreender nos estudantes do curso de farmácia que estão a cursar uma disciplina de empreendedorismo e gestão de negócios. Supletivamente buscou-se também levantar alguns elementos que podem influir na decisão de empreender, como gênero e influência familiar.

1.3 Indagações de pesquisa

Para se obter as respostas decorrentes do objetivo foram estabelecidas quatro indagações de pesquisa:

- Indagação 1: Existe intenção de empreender na maioria dos alunos pesquisados?
- Indagação 2: Os alunos pesquisados, em sua maioria, apresentam potencial empreendedor?
- Indagação 3: O potencial empreendedor apresenta diferenças de gênero?
- Indagação 4: Ser filho de empreendedores influencia a intenção empreendedora?

2. REVISÃO DA LITERATURA

Alguns autores, como Kristiansen e Indarti (2004), entendem que processos de desenvolvimento econômico dependem de inovações geradas por empreendedores. Mesmo em países que ainda estão traçando sua trajetória em busca do pleno desenvolvimento econômico, as universidades são vistas como grandes centros de criação e geração de conhecimentos e inovações.

Neste cenário, diversos estudos têm sido realizados no âmbito das universidades buscando identificar o interesse de estudantes para empreender. Pesquisa realizada por Arribas e Vila (2004), com 296 alunos, revelou que 37% deles possuem desejo de criar seu próprio empreendimento, não havendo variação de sexo. Os alunos que possuem interesse em empreender se veem como reflexivos, criativos e pouco pacientes.

Outra pesquisa sobre potencial para empreender, realizada por Veciana; Aponte e Urbano (2005), com universitários na Catalunha e Porto Rico, revelou que os alunos demonstram interesse em empreender, embora considerem baixa a viabilidade de iniciar uma empresa nos dias de hoje. Os autores defendem que atitudes empreendedoras e sua função social são determinantes para incentivar o interesse em empreender, o que pode estimular universitários a optar por uma carreira como empreendedor.

Frazier e Niehm (2006) também utilizaram um questionário com 129 universitários para identificar a intenção empreendedora, entre outras variáveis. Os resultados mostram que os alunos que manifestaram forte interesse em uma carreira empreendedora são: proativos, criativos, buscam oportunidades, são confiantes e possuem uma imagem positiva do empreendedorismo; estes veem o empreendedorismo como uma opção de carreira. O estudo ainda revelou que alunos com um ou mais membros autônomos na família apresentaram uma intenção empreendedora menor em relação àqueles que não possuem membros autônomos.

Já em relação a pesquisas que envolvem universitários de farmácia, podemos citar a de Hermansen-Kobulnicky e Moss (2004), que utilizou uma escala para medir a propensão destes estudantes em abrir suas próprias farmácias, ou seja, tornar-se empreendedores. A pesquisa foi aplicada em uma universidade pública, com 4 fases diferentes do curso, dos entrevistados 55,3% consideram a possibilidade de ter o seu próprio negócio. Os autores consideram que medir a orientação empreendedora pode ajudar a identificar alunos inclinados ao empreendedorismo, que podem ser encorajados a se tornarem futuros empreendedores.

Teixeira (2008), também desenvolveu uma pesquisa que envolveu tanto alunos de farmácia como de graduação em química, na maior universidade de Portugal. Segundo a autora, entre os entrevistados, a principal determinante de potencial empreendedor foi a propensão a correr riscos. Já criatividade, liderança e inovação foram encontradas em baixo nível nos estudantes de farmácia em relação a outros cursos; uma constatação incômoda para um ambiente onde as demandas por inovação e criatividade são exigidas cada vez mais (TEIXEIRA, 2008).

Ainda nesta linha, Louw *et al.* (2003) investigaram universitários na África do Sul, dos quais 18,6% eram do curso de farmácia. Sua pesquisa buscou identificar os níveis de traços empreendedores nos alunos e verificar se tais características estavam relacionadas a variáveis demográficas. Os traços mais fortemente desenvolvidos entre os entrevistados foram: competir contra normas impostas, autoconfiança e saber lidar com os erros. Os autores ainda encontraram relações estatisticamente significativas destas variáveis com o sexo dos alunos, raça e idade. Na Inglaterra, por exemplo, apesar da área de farmácia estar dominada pelas mulheres, quando se busca verificar quem está explorando negócios descobre-se que os homens são maioria e que há predominância de minorias étnicas, principalmente asiáticos (SESTON *et al.*, 2006).

Entre as pesquisas realizadas com profissionais da área pode ser citada a de Inegbenebor (2007) e a de Brown *et al.* (2007). A primeira buscou distinguir o interesse em empreender através do locus de controle interno; para isso entrevistou 34 farmacêuticos que possuíam seu próprio negócio e 35 farmacêuticos que trabalhavam como funcionários de farmácias ou hospitais. Os empreendedores apresentaram maior escore desta variável em relação aos que atuavam como funcionários. Para o autor, os farmacêuticos que apresentarem um maior locus de controle interno são mais propensos a assumir uma carreira empreendedora e possuem mais disposição para inovar. Diante disso, o autor conclui que é necessário incorporar educação empreendedora no currículo destes cursos para encorajar atitudes positivas em relação ao empreendedorismo.

Já Brown *et al.* (2007) procuraram identificar as crenças, atitudes e interesses de farmacêuticos em diferentes fases da carreira, em relação a ter sua própria farmácia, ou seja, abrir seu próprio negócio. A pesquisa foi aplicada no Texas, os resultados indicaram que os profissionais possuem atitudes favoráveis ao empreendedorismo, mas apresentam baixo interesse em ganhar dinheiro com o próprio negócio. Os resultados mostram ainda que recompensas financeiras e a necessidade de desenvolver habilidades gerenciais foram altamente correlacionadas com o interesse dos farmacêuticos em procurar abrir seu negócio. Os autores reforçam a importância em se pensar em diferentes estratégias para estimular estes profissionais a se interessar por dirigir seu próprio negócio.

Isso leva a pensar na necessidade em se estimular futuros farmacêuticos, ou seja, estudantes do curso, para que ainda na universidade sejam incentivados e preparados a abrir seu próprio

negócio, para aumentar a geração de empregos, renda e desenvolvimento econômico na região onde estão inseridos.

3. METODOLOGIA

A coleta de dados foi realizada em uma turma do curso de farmácia da Universidade Federal de Alagoas onde foi implantada uma disciplina de empreendedorismo e gestão de pequenos negócios.

Foram pesquisados 28 estudantes de ambos os sexos, alguns deles tendo genitores que possuíram ou possuem negócios.

Esses estudantes receberam um formulário, contendo uma escala para identificação de potencial empreendedor (SANTOS, 2008). O formulário também continha algumas afirmativas direcionadas a verificação do interesse em empreender. Quarenta e cinco afirmativas do formulário estavam relacionadas a nove fatores, ou construtos, a saber: capacidade para identificar oportunidades de negócios, persistência para perseguir objetivos, busca de eficiência nas atividades realizadas, capacidade de coletar informações, capacidade de planejar, habilidade para o estabelecimento de metas, disposição para controlar adequadamente a execução de tarefas, capacidade de persuadir pessoas e habilidade para estabelecer rede de relações.

Após a coleta dos dados os mesmos foram processados utilizando-se o *software* SPSS para a identificação de médias, desvios padrões e erros padrões de médias, além do cruzamento de variáveis e a aplicação dos testes estatísticos do χ^2 , Fisher e de Mann-Whitney.

4. RESULTADOS

Os dados demográficos dos estudantes mostram que a maioria dos estudantes é do sexo feminino, uma tendência já relatada na literatura (SESTON *et al.*, 2006). Nessa turma especificamente 75% dos discentes pertence a este sexo (Tabela 1).

Enquanto tem-se observado uma presença maior de pessoas do sexo feminino na atividade farmacêutica, na literatura pode ser encontrada relato de que, pelo menos na Inglaterra, por outro lado é predominante a presença de pessoas do sexo masculino na atividade empresarial (ver SESTON *et al.*, 2006). Desconhecem-se dados referentes ao Brasil, com exceção dos anecdóticos, que sugerem existir uma situação semelhante, porém não há comprovação empírica. Em existindo tal situação uma possível explicação é que, como em outras atividades, os homens ainda são mais propensos a empreender, e por conta disso mostram mais presença na exploração de negócios envolvendo a atividade farmacêutica. Mais adiante, nesta apresentação dos resultados será mostrado se existem diferenças de gênero na intenção empreendedora dos estudantes pesquisados.

Ainda na Tabela 1 pode-se observar que em relação à origem empresarial dos pesquisados, se eles são filhos de pessoas que exploram ou já exploraram algum tipo de empreendimento comercial, os dados da pesquisa mostram que a maioria não vem de famílias empreendedoras. Apesar dessa maioria, o percentual daqueles que tem ou tiveram pais empreendedores não é desprezível. Chega a ultrapassar 1/3 dos pesquisados.

No entanto não existe nenhuma evidência estatística de que a maioria dos estudantes que procuram o curso de farmácia seja composta por filhos de pessoas sem experiência empresarial. O teste χ^2 não mostrou diferenças significativas ($p > 0,05$) entre os dois grupos: filhos de pais empreendedores e filhos de pais não empreendedores. A variação encontrada decorreu de variabilidade amostral.

TABELA 1
 Estatísticas descritivas da amostra ($n = 28$)

Variáveis	Percentual
Feminino	75,0
Filho de pais que exploram ou já exploraram algum tipo de negócio	39,3
Filhos de pais empreendedores que os incentivam a abrirem um negócio ou dedicarem-se aos negócios familiares	63,6 *
Filhos de pais não empreendedores que os incentivam a abrirem um negócio	29,4 **

Fonte: Dados da pesquisa

* $n = 11$

** $n = 17$

A Tabela 1 mostra também que o percentual de alunos que recebem influência familiar, por serem filhos de empreendedores, para iniciar um negócio ou dedicarem-se aos negócios familiares, ultrapassa a 3/5 do total de estudantes que possuem entre seus genitores pessoas que exploram ou já exploraram negócios. Entretanto não existe evidência estatística que sugira predominância de pais que, em sendo empreendedores, incentivem os filhos a seguir carreira empresarial. O teste χ^2 não mostrou diferenças significativas ($p > 0,05$) entre os dois grupos: pais empreendedores que incentivam e pais empreendedores que não incentivam.

Quanto aos pais não empreendedores, mas que incentivam os filhos a abrir um negócio, pode-se ver, ainda na Tabela 1, que eles representam aproximadamente 1/3 das famílias dos alunos pesquisados. A princípio, pelo número reduzido, quando comparado ao de pais que não incentivam seus filhos, pode-se entender que a maioria deles não exerce influência, porém essa diferença não resiste ao teste do χ^2 . As diferenças não são significativas ($p > 0,05$). A variação ocorreu por conta de variabilidade amostral.

Ao se cruzar a origem dos alunos com a influência familiar, neste caso comparando-se os dois grupos de genitores (empreendedores e não empreendedores), obteve-se como resultado uma tabela de contingência 2x2 que mostrou a existência de maior influência para empreender por parte de pais empreendedores em relação aos pais não empreendedores.

TABELA 2
 Pais empreendedores e não empreendedores vs influência familiar para empreender ($n = 27$)

Origem	Cultura familiar		Total
	Pais incentivam a empreender	Pais não incentivam a empreender	
Pais empreendedores	8	3	11
Pais não empreendedores	4	12	16

Fonte: Dados da pesquisa

O teste do χ^2 mostrou diferenças significativas ($p < 0,05$) nos dois grupos. Entretanto devido ao tamanho da amostra, uma frequência esperada foi inferior a 5, o que ocasionou suspeitas quanto a robustez do teste. Optou-se então por executar também o teste de Fisher (adequado para amostras com $20 < n < 40$ e menor frequência esperada < 5 , além da tabela de

contingência ser do tipo 2x2). O teste de Fisher também mostrou diferenças significativas ($p < 0,05$) nos dois grupos. Conclui-se portanto que, em geral, pais empreendedores incentivam mais os seus filhos a empreender do que pais não empreendedores.

Em relação ao potencial empreendedor dos alunos pesquisados pode-se observar pela Gráfico 1 que a distribuição dos escores obtidos assumiu uma configuração aproximada da curva normal com média 7,44, mediana 7,33 e desvio padrão de 0,92 (ver Tabela 3).

Operacionalmente para os dados desta pesquisa definiu-se que escores até 2 indicam existência de potencial empreendedor e de intenção de empreender *muito fracos* , maiores de 2 até 4 *fracos* , maiores de 4 até 6 *normais* , maiores de 6 até 8 *fortes* e maiores de 8 até 10 *muito fortes* . Essa distribuição na escala utilizada, que possui um *continuum* de 0 a 10, permitiu o estabelecimento de 5 agrupamentos reunindo a possibilidades de classificação do potencial empreendedor, de intenção empreendedora e demais construtos pesquisados.

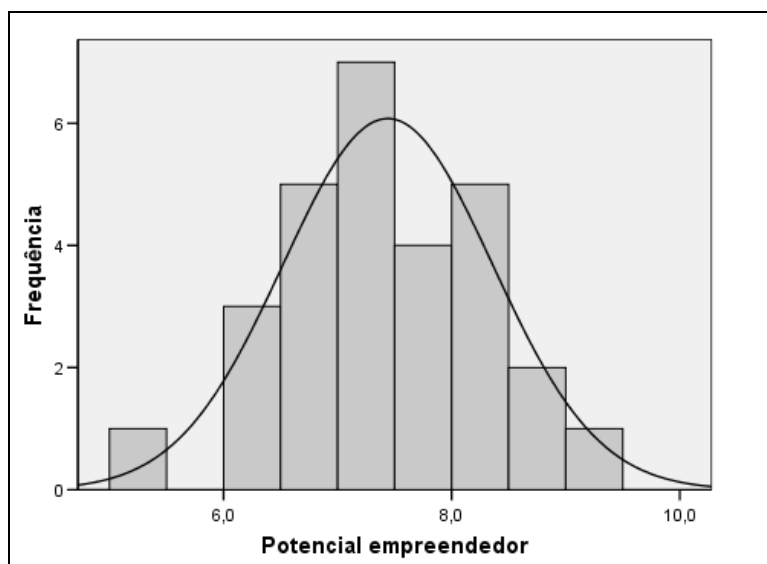


GRÁFICO 1 – Histograma da distribuição do potencial empreendedor entre os alunos pesquisados ($n = 28$)

Fonte: Dados da pesquisa

TABELA 3
Características empreendedoras nos estudantes pesquisados

Constructos	Nº de itens	Alfa de Cronbach	Média	Mediana	Desvio padrão	Erro padrão da média
Intenção de empreender *	4	,89	6,77	7,25	1,85	0,36
Identificação de oportunidades	5	,57	7,45	7,50	1,04	0,20
Persistência	6	,61	8,34	8,75	1,81	0,34
Busca de eficiência	3	,79	8,16	8,25	1,47	0,28
Aquisição de informações	5	,85	8,59	8,85	1,14	0,22
Prática de planejamento	4	,86	6,41	7,12	1,85	0,35
Estabelecimento de metas	7	,81	7,00	7,00	1,27	0,24
Práticas de controle	5	,83	5,54	5,67	2,00	0,38
Persuasão	6	,89	7,42	7,58	1,42	0,27
Rede de relacionamentos	4	,87	8,05	8,12	1,20	0,23
Potencial para empreender	45	,91	7,44	7,33	0,92	0,17

Fonte: Dados da pesquisa.

* $n = 27$

A Tabela 3 além de indicar as médias e desvios padrões, para todos os constructos constantes na escala utilizada para aferir a intenção de empreender e potencial empreendedor, mostra também os erros padrões das médias e os resultados do cálculo do alfa de Cronbach.

Com exceção dos constructos identificação de oportunidades e persistência que ficaram abaixo de 0,7 porém acima de 0,5, todos os demais mostraram boa correlação entre os seus itens constitutivos e o constructo em si. O constructo potencial empreendedor, resultado da média de todos os outros constructos, exceto a intenção de empreender mostrou alto grau de consistência interna, o que significa que as respostas dadas pelos estudantes pesquisados foram coerentes.

As médias e medianas apresentaram-se altas e em muitos casos bem próximas. As exceções foram os constructos intenção de empreender, prática de planejamento e práticas de controle. Nesses constructos os desvios padrões e erros padrões das médias também foram elevados, o que indica maior dispersão das respostas e maior amplitude dos intervalos de confiança da amostra pesquisada. Os resultados obtidos, pelos valores apresentados pelos escores, todos acima da classificação *fraco* indicam que um número considerável de pesquisados possui características empreendedoras que no futuro poderão ser úteis para a abertura de um negócio próprio. No caso específico do constructo intenção de empreender, o resultado apresentado, reflete a disposição de boa parte do grupo pesquisado para empreender no futuro.

Os resultados obtidos e aqui apresentados levam a se buscar respostas para as indagações de pesquisa feitas no Capítulo 1. A primeira delas é: Existe intenção de empreender na maioria dos alunos pesquisados?

TABELA 4
Distribuição dos estudantes com intenção de empreender
por condição apresentada ($n = 27$)

Condição	Valor observado	Valor esperado	Resíduo
Fraca	4	6,8	-2,8
Normal	5	6,8	-1,8
Forte	10	6,8	3,3
Muito forte	8	6,8	1,3

Fonte: Dados da pesquisa.

$$\chi^2 = 3,370 \text{ (} p > 0,05 \text{)}$$

A resposta é sim, para os alunos pesquisados (ver Tabela 4). No entanto, embora dois grupos de alunos, totalizando 18 pessoas, pelos escores obtidos tenham sido classificados como portadores de intenção de empreender *forte* e *muito forte*, o que aparentemente daria suporte a essa afirmação para os alunos do curso de farmácia, o teste χ^2 não fez essa indicação. O teste χ^2 ($p > 0,05$) não mostrou diferenças significativas entre os grupos, mesmo quando se juntou os de condições *fraca* com *normal* e *forte* com *muito forte*. O resultado do teste χ^2 apontou $p > 0,05$ sugerindo que as diferenças encontradas são decorrentes de variabilidade amostral. Entretanto os resultados indicam a existência de pessoas com intenção empreendedora no grupo e isso sugere que se invista no ensino do empreendedorismo no curso de farmácia. A decorrência desses ensinamentos poderá ser bastante útil no futuro.

Em relação à indagação 2, se os alunos pesquisados, em sua maioria, apresentam potencial empreendedor, a resposta também é sim. Além da constatação visual (Tabela 5), o teste χ^2

($p < 0,001$) mostrou diferenças significativas entre os grupos. Ao todo 27 pessoas se enquadraram nas categorias de potencial empreendedor *forte* e *muito forte*.

TABELA 5
 Distribuição dos estudantes com potencial empreendedor
 por condição apresentada ($n = 28$)

Condição	Valor observado	Valor esperado	Resíduo
Normal	1	9,3	-8,3
Forte	19	9,3	9,7
Muito forte	8	9,3	-1,3

Fonte: Dados da pesquisa.

$$\chi^2 = 17,643 \text{ (} p < 0,001 \text{)}.$$

Essa constatação indica que existe na turma pesquisada, parafraseando Shane (2005), um terreno fértil para a disseminação das ideias sobre empreendedorismo.

O quantitativo de alunos que não apresentam intenção de iniciar um negócio próprio não será impedimento para a disseminação de ideias empreendedoras. Uma alternativa para professores que lidam com turmas que possuam pessoas com essas características é focar também aspectos relacionados ao intraempreendedorismo. Aliás essa deveria ser uma vertente a ser explorada nos cursos de empreendedorismo. Direcionar parte do tempo dedicado a disciplina a tópicos sobre empreendedorismo e empreendedorismo governamental. Muitos dos egressos dos cursos superiores vão atuar nos governos municipais, estaduais e federal e nessas áreas carecem pessoas com espírito empreendedor.

Quanto a indagação 3, se o potencial empreendedor apresenta diferenças de gênero, a resposta é não. O teste de U de Mann-Whitney não indicou diferenças significativas entre os pesquisados masculinos e femininos ($p > 0,05$).

TABELA 5
 Teste de Mann-Whitney para o Potencial empreendedor vs Sexo

	Sexo do pesquisado	n	Intervalo médio	Soma de intervalos
Potencial Empreendedor	Masculino	7	15,86	111,00
	Feminino	21	14,05	2950
	Total	28		
Estatísticas de teste				
U de Mann-Whitney				64000
Z				-0,504
Significância assintótica (bilateral)				,614
Significância assintótica [2*(Significância unilateral)]				,640

Fonte: Dados da pesquisa.

Esse resultado (Tabela 5) mostra que não há diferenças significativas entre os pesquisados quanto as suas características ou traços empreendedores. Em termos práticos para os docentes que atuam no ensino de empreendedorismo, usando esse grupo de estudantes como referência, esta informação sugere que existe o mesmo grau de propensão nos mesmos, independente de sexo, e isto poderá ser explorado em sala de aula. Atividades relacionadas a prática de atividades empreendedoras, em grupo, poderão ter o mesmo grau de respostas, quer esses grupos sejam mistos ou não.

A menor presença das mulheres conduzindo seus próprios negócios, no ramo farmacêutico, pode ser decorrente de outros fatores, que não o seu fraco potencial para empreender. Uma das razões pode ser a falta de oportunidades para iniciarem-se na atividade, pouca disponibilidade de crédito ou mesmo a falta de incentivos outros que as atraiam para a iniciativa empresarial.

A resposta a indagação 4 que buscou identificar se o fato de ser filho de empreendedores influencia a intenção empreendedora, também é não. O teste de *U* de Mann-Whitney, também neste caso, não indicou diferenças significativas entre os graus de intenção de empreender encontrados em filhos de empreendedores e não empreendedores ($p > 0,05$).

TABELA 6
 Teste de Mann-Whitney para Intenção de empreender vs Pais empreendedores

	Pais empreendedores	<i>n</i>	Intervalo médio	Soma de intervalos
Intenção de empreender	Sim	11	16,23	178,50
	Não	16	12,47	199,50
	Total	27		
Estatísticas de teste				
<i>U</i> de Mann-Whitney				63,500
<i>Z</i>				-1,210
Significância assintótica (bilateral)				,226
Significância assintótica [2*(Significância unilateral)]				,231

Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados obtidos apontam, pelo menos no caso desses estudantes, que ser filho de pai empreendedor não influencia o desejo de tornar-se no futuro dono do seu próprio negócio. Este resultado contradiz estudos que apontam em outra direção (DOLABELA *et al.*, 2008; DOLABELA; SANTOS; DANTAS, 2008; SANTOS; DANTAS; MILITO, 2009), ou seja, que a influência da cultura familiar é forte no despertar de intenção empreendedora.

Para estudantes de farmácia, onde aparentemente pode até existir uma certa pressão para que se tornem proprietários de negócios farmacêuticos, a expectativa seria que aqueles que possuem pais empreendedores sentissem maior apelo para ingressar no ramo empresarial. Por outro lado, pode ocorrer que embora não tendo pais empreendedores que os incentivem, os estudantes do outro grupo tenham ingressado no curso devido a uma possibilidade futura de se tornarem empresários do ramo farmacêutico. Evidentemente isso é uma especulação, mas que remete a novos estudos e novas conclusões.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do levantamento com estudantes de farmácia mostram dados e resultados de testes estatísticos que levam, pelo menos em relação aos pesquisados, a várias considerações. A primeira é em relação à predominância do sexo feminino entre os alunos. Vários estudos têm indicado essa tendência e ela se apresenta no grupo de alunos pesquisados. A razão pela qual as mulheres predominam no curso pode ser um tema interessante para investigação aliado a um aprofundamento sobre as tendências empreendedoras femininas.

Em relação as diferenças de gênero, quanto ao potencial empreendedor, indicando que elas não existem, é outro dado interessante, principalmente quando se observa a existência de relatos na literatura de que os homens predominam nas atividades empresariais ligadas ao

ramo farmacêutico. É o caso, portanto, de se investir no despertar das mulheres, que optam por cursar farmácia, para a atividade empresarial, o que permitirá no futuro encontrá-las em maior número em cargos executivos e funções empreendedoras.

A pesquisa também mostra que existe um grande potencial empreendedor nos estudantes de farmácia. Esse potencial e as tendências a empreender são elementos que a pesquisa, pelo seu caráter exploratório, e até pelo tamanho da amostra, não consegue explicar com profundidade. Fica então o desafio para novas pesquisas que aprofundem essas questões e esclareçam como poderá ser melhor explorado o interesse do estudante de farmácia pela atividade empreendedorial.

A origem dos alunos, filhos, ou não, de pais empreendedores, não indica sua preferência pelo curso. Também sua intenção de empreender não decorre de ter pai empreendedor. Apesar de esse curso ser atrativo para quem deseja abrir um negócio no futuro, não parece ser a razão da escolha pelo mesmo. Fica a sugestão de novos estudos para identificar qual a razão que leva de fato alguém escolher cursar farmácia, quando seu potencial empreendedor é muito forte.

Quanto a influência paterna/materna, ficou evidente pelos testes estatísticos realizados, que existe maior influência para empreender por parte de pais empreendedores em relação aos pais não empreendedores. Conhecer os processos utilizados pelos pais para influenciar seus filhos a seguir alguma carreira que possa ser explorada no mundo dos negócios será importante para que se aproveite e se dê continuidade a eles, na universidade, caso se mostrem eficazes.

Enfim, ficam os desafios para novos estudos que ampliem o pouco conhecimento existente sobre as relações entre o empreendedorismo e os (futuros) profissionais de farmácia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIBAS, I.; VILA, J. La actitud emprendedora del universitario valenciano. In: ROIG, Salvador et al (Ed.). *El emprendedor innovador y la creación de empresas de I+D+I*. Valencia: PUV, 2004. p. 201-212.

AUDET, J. *Two pedagogical approaches to entrepreneurship education using an intention-based model of venture creation*. Quebec, 2002. Disponível em: <<http://labeled.pesarosviluppo.it/Modules/ContentManagement/Uploaded/CMItemAttachments/Two%20pedagogical%20approaches%20to%20entrepreneurship%20education.pdf>>. Acesso em: 25 out 2009.

BAU, F. *et al. Students' preferences for entrepreneurship education: an application of conjoint analysis*. Paper. Department of Management, University of Regensburg – Germany, 2005. Disponível em: <http://www.fh-htwchur.ch/fileadmin/user_upload/institute/sife/Bau_Wagner_Steiner_Baumgartner_2005_conjoint.pdf>. Acesso em: 25 out 2009.

BENAVIDES ESPINOSA, M. M.; SÁNCHEZ GARCÍA, M. I.; LUNA AROCAS, R. El proceso de aprendizaje para los emprendedores en la situación actual: un análisis cualitativo en el ámbito universitario. *Revista Dirección y Organización*, n. 30, abr., 2004.

BOISSIN, J.; EMIN, S. *Les étudiants et l'entrepreneuriat: l'effet des formations*. Grenoble, 2007. Disponível em: <<http://cerag-oie.org/commun/publis/2007Gestion2000%20effet%20des%20formations.pdf>>. Acesso em: 25 out 2009.

BROWN, C. M. *et al.* Attitudes and interests of pharmacists regarding independent pharmacy ownership. *Journal of American Pharmacy Association*, v. 47, n. 2, p. 174-80, 2007.

CAPSTICK, S.; BERESFORD, R. A comparison of student attitudes and intentions at the start and end of their BPharm degree programme. *Pharmacy Education*, v. 7, n. 3, p. 267-277, 2007.

CAPSTICK, S.; GREEN†, J. A.; BERESFORD, R. Choosing a course of study and career in pharmacy - student attitudes and intentions across three years at a New Zealand School of Pharmacy. *Pharmacy Education*, v. 7, n. 4, p. 359-373, 2007.

DAVIDSSON, P. Determinants of entrepreneurial intentions. In: RENT CONFERENCE, 9, 1995, Piacenza. *Proceedings...*, Piacenza: Rent, 1995. Disponível em: <http://eprints.qut.edu.au/2076/1/RENT_IX.pdf>. Acesso em: 25 out 2009.

DOLABELA, F. *et al.* Cultura familiar e empreendedorismo na América Latina. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 28., 2008. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ABEPRO, 2008. 1 CD-ROM.

DOLABELA, F.; SANTOS, P. C. F.; DANTAS, A. B. A influência da cultura familiar no despertar da intenção empreendedora em empresários iberoamericanos. In: CONGRESO LATINOAMERICANO Y DEL CARIBE SOBRE EL ESPÍRITU EMPRESARIAL, 19., 2008, Florianópolis. *Anais...* Bogotá/Florianópolis: ICESI/UFSC, 2008. 1 CD-ROM.

FRAZIER, B. J.; NIEHM, L. S. Predicting the entrepreneurial intentions of non-business majors: A preliminary investigation. In: USASBE/SBI CONFERENCE, 2006, Tucson. *Proceedings...*, Tucson: Usasbe/SBI, 2006. Disponível em: <<http://usasbe.org/knowledge/proceedings/proceedingsDocs/USASBE2006proceedings-Frazier%20-%20EE.pdf>>. Acesso em: 25 out 2009.

HEINONEN, J.; POIKKIJOKI, S. An entrepreneurial-directed approach to entrepreneurship education: mission impossible? *Journal of Management Development*, v. 25, n. 1, p. 80-94, 2006.

HERMANSEN-KOBULNICKY, C.; MOSS, C. Pharmacy student entrepreneurial orientation: a measure to identify potential pharmacist entrepreneurs. *American Journal of Pharmaceutical Education*, v. 68, n. 5, p. 1-10, 2004.

INEGBENEBOR, A. U. Pharmacists as entrepreneurs or employees: the role of locus de control. *Tropical journal of pharmaceutical research*, v. 6, n. 3, p. 747-754, 2007.

KRISTIANSSEN, S.; INDARTI, N. Entrepreneurial intention among Indonesian and Norwegian students. *Journal of Enterprising Culture*, v. 12, n. 1, p. 55-78, 2004.

LOUW, L. *et al.* Entrepreneurial traits of undergraduate students at selected South African tertiary institutions. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, v. 9, n. 1, p. 5-26, 2003.

PRAAG, C. M. VAN; CRAMER, J. S. The roots of entrepreneurship and labour demand: individual ability and low risk aversion. *Economica*, v. 68, n. 269, p. 45-62, 2001.

SANTOS, P. C. F. *Uma escala para identificar potencial empreendedor*. Florianópolis, 2008. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SANTOS, P. C. F.; DANTAS, A. B.; MILITO, C. M. Cultura familiar empreendedora e dinâmica econômica na América Latina. In: PEREIRA, R. (Org.). *A dinâmica nas ciências econômicas e empresariais*. Maceió: Edufal, 2009. p. 268-301.

SESTON, L. *et al.* The future pharmacy workforce: do pharmacy students want to be entrepreneurs? *Bulletin of the Centre for Pharmacy Workforce Studies*, n. 2, p. 1-4, 2006.

SHANE, S. A. *Sobre solo fértil*. Porto Alegre: Bookman, 2005.

TEIXEIRA, A. Entrepreneurial potential in chemistry and pharmacy, results from a large survey. *Journal of Business Chemistry*, v. 5, n. 2, p. 48-63, 2008.

VECIANA, J. M.; APONTE, M.; URBANO, D. University students' attitudes towards entrepreneurship: a two countries comparison. *International Entrepreneurship and Management Journal*, v.1, n. 2, p. 165-182, 2005.